

TERCEIRA PONTE, SUICÍDIO E RESPEITO

Há uma postura individualista que tende a banalizar as tentativas desesperadas de pessoas em tirar a própria vida, o que transforma um problema social grave em piada na internet

Todas as vezes em que a Terceira Ponte é paralisada, há uma chuva de demonstrações de indignação nas redes sociais, todas a respeito de suicídio. Algumas expressões são de consternação, de tristeza e solidariedade, mas a verdade é que a maioria das pessoas expressa insatisfação, banalizando a situação com piadas, trocadilhos, imagens de “humor” e até mesmo de raiva.

Seriam essas manifestações traço nítido do nosso individualismo na forma mais explícita? Trata-se de situação alheia a nós, mas que se reflete em nossa vida, uma vez que a paralisação do maior acesso entre os municípios de Vitória e Vila Velha gera engarrafamento, caos urbano...

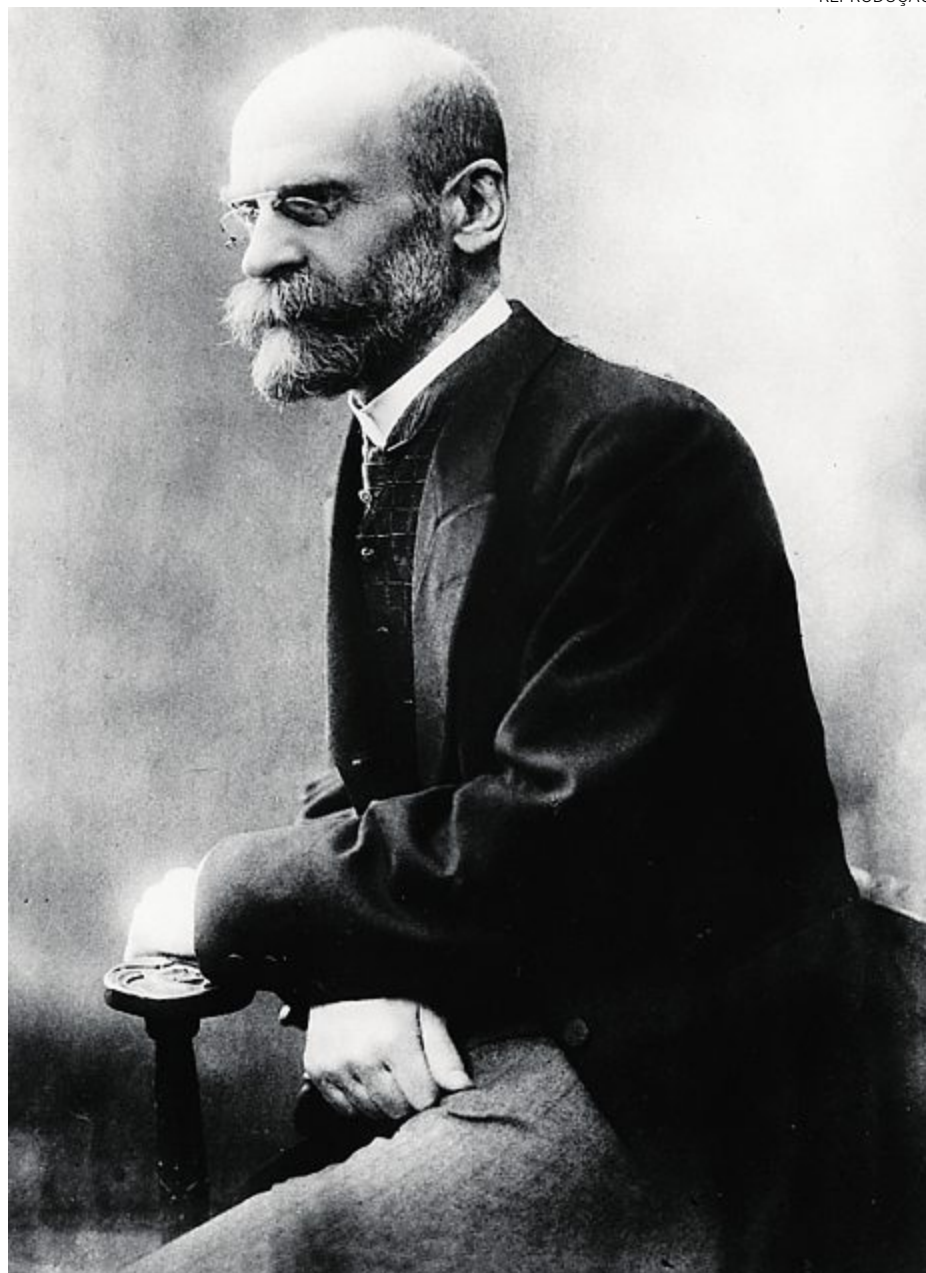
Porém, é certo afirmar que todos que acham graça ou se indignam possuem motivos fortes para se ater a essa vida? Ou estão tão somente pensando apenas em seu ir e vir, prejudicado pelo momento desesperado da pessoa desconhecida que, diante dos problemas da vida, deixou-se cegar pelo desespero e está no limite?

A pessoa que está lá, paralisando a ponte e gerando todo esse debate, por algum motivo resolveu que a própria vida nada mais vale. Independentemente de querer atenção para isso ou não, o fato é que essa pessoa está em um momento difícil, tomada de sentimentos que explodem dentro de si, confrontam-se, sem que possam ser controlados de imediato.

Notícias

Alguns perguntam porque os jornais não noticiam. Isso é simples de se entender: noticiar um suicídio aumenta as estatísticas. Não acredita? É comprovado, apesar de não ser algo imposto à imprensa, que nesse momento se mantém respeitosa aos familiares e amigos – que não conhecem os fins que justificaram tal meio –, além de não se colocar na posição de incentivadora de tal ato.

Incentivadora? Pois é, explicou o sociólogo francês Émile Durkheim, em seu estudo intitulado “O Suicídio”, publicado em 1897, evidenciando a influência social no resultado suicídio. A ideia é bem simples: mostrar que uma pessoa tem coragem de assumir que sua vida não vale a pena e mesmo que de



Émile Durkheim definiu o suicídio como “ato individual resultado do meio social”

uma forma que atrapalhou a vida de outros, conseguiu dar fim à própria vida, faz com que outras pessoas que estejam no mesmo estágio de desespero e desamparo se atentem para esse fato e, na falta de poder concatenar os pensamentos, tentem o ato.

Sim, o ser humano não é criativo no desespero. Ele tenta o óbvio. Ele quer se jogar da ponte, do prédio, cair na linha do trem, coisas que soam sem

sentido para quem quer viver, mas que fazem o mais completo sentido para quem quer o contrário.

No mesmo estudo, Durkheim gerou tantas outras estatísticas, que ainda hoje são atuais, bem como há fatos estudados que hoje já possuem uma nova configuração e abordagem, até mesmo por vivermos em um mundo em que sequer se divide entre duas religiões apenas, base dos estudos do

sociólogo. Mas uma coisa nisso tudo é certa, respeito todo mundo gosta.

Tente se colocar no lugar de quem cogita tal ato. É difícil, eu sei. Mas pode começar a ter um pouco mais de sentido ao tentar esse pequeno exercício de identificação e compreensão...

Caos social

Quando nos colocamos no lugar da pessoa que está ali, atrapalhando a nossa vida, deixamos de ser menos individuais, mais sociais. Durkheim também definiu o suicídio como “um ato individual resultado do meio social”. Portanto, sob esse aspecto, o suicídio nos afeta pois é resultado de nosso meio, do nosso caos social.

Então a pergunta: onde está o respeito? O respeito em relação ao potencial suicida está em ter a capacidade de se sensibilizar com esse momento. Sabemos que o assunto gera piada que é boa, e, sendo boa, invariavelmente vamos rir, mas a piada sobre esse assunto tem o poder de banalizar algo muito mais sério do que gritar e propagar o quase instintivo “Se joga logo!”, que se prende em nossa garganta.

Tenha certeza de que a pessoa que ali está, ainda que vacilante, queria muito se jogar logo. Mas o ser humano possui mecanismos. Somos “programados” para não tirar esse dom maior que é a vida. Nós titubeamos sim. Somos inseguros no momento do “gatilho”. Não à toa, policiais são treinados para atirar, por exemplo. São treinados porque, se assim não fosse, poderiam titubear no momento crucial de imobilizar um bandido.

Pense em todos os momentos de pressão, momentos importantes em que você se viu sem saber o que fazer. Momentos em que você vacilou, não conseguiu tomar uma decisão de pronto... E se essa decisão é a de viver ou morrer? Pesou? Se você não consegue colocar-se no lugar de quem está nesse momento de decisão, ao menos abstenha-se do assunto, principalmente nas redes sociais, onde tudo se propaga em segundos, seja para o bem, seja para o mal.

Se você tem motivos de sobra para viver e ser feliz, sintá-se agradecido. E deixe, pelo menos em relação ao suicídio, o assunto morrer.